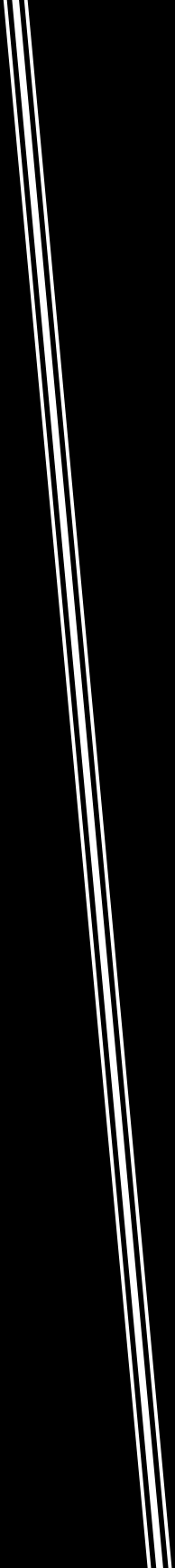


PÉS-CORAÇÃO





Pés-Coração

de Abel Xavier

Versão em processo
4 de março de 2026

*(A plateia entra conduzida pelos atores.
No centro do palco, a presença de uma mulher que canta).*

PRÓLOGO

Emilene: Em cima deste palco tem um alfinete, desses de aplicativo de mapa, que fincam a linha de chegada. O lugar onde se quer chegar é aqui mesmo, exatamente em cima dessas curvas de um virtual mapa inventado, dentro de uma fila única de pés de passos miúdos, passo a passo miúdo.

Carol: Chegamos. O alfinete sobre este palco está entre a Av. Pompeia à leste e Barão de Bananal à oeste. Sob os nossos pés o Rio Água Preta, vivo, apesar de tudo. Entramos pelo portão principal da rua Clélia ao norte e descemos uma leve ladeira de paralelepípedos da velha cidade. Viramos à direita, alguns passos um tanto retos, alguns tortuosos e envergonhados olás acolás, talvez um: “quem é esse mesmo que me cumprimentou?”,

“faz tempo que eu não venho aqui”,

“nunca mais achei aquele pavê de cupuaçu”...

Wallyson: Chegamos. Eu aqui, e ela também, e ela, e eles (*técnica*) e vocês (*público*). Aqui. Nós estamos aqui. E neste tempo de curvas, ruas, paralelepípedos e olás, o alfinete sempre esteve aqui, esperando por nós. O alfinete sempre esteve bem em cima deste palco, nesta arena, enquanto lá em casa os pés eram calçados - bate a porta - dá um jeito - corre - avisa - vai lá - combina - desistir não - só posso ir hoje ver a peça, coração, depois não dá.

Emilene: Lá fora o café foi vendido, engolido, o abraço mal dado, de lado, o cartaz lido, o acordo revisto, o passo atrasado e a fila organizada em linhas que vão na direção do...

Wallyson: Chegamos.

Caetano: Chegamos?

Leandro: Chegamos.

Carol: Chegamos ao destino. A linha de chegada é dentro. Dentro de um teatro. E o caminho até aqui foi só ladeira abaixo. Estamos ladeira abaixo e inclinados a...

Wallyson: Mira, à leste está a avenida Pompeia, a oeste a rua Barón del Bananal, bajo nuestros pies el Río Agua Negra, nós entramos pela calle Clélia - quase um trava-línguas, calle Clélia - descendimos un camino de piedras, direita, pasos rectos, hablamos...

“hola”,

“hola”

“bien?”

“bien e vos”

“¡Carajo, pensé que no iba a llegar!, el maldito pin - pin é o alfinete em espanhol - o maldito del GPS cambiaba de lugar cuanto más me acercaba”

“Vine más temprano para provar un pavé de cupuaçu”

“o que que é cupuaçu?”

“¿no conoce?”

“no!”

“una fruta brasileña tremenda!”

“¿Y comió??”

“no tenía!”

“¡no!”

“si!”

“carajo!”

“no creo”

e tal tal tal.

Emilene: E tal qual uma avenida de um samba popular, a linha de chegada é também a linha de partida. Linhas repartidas que erram cegas pelo nosso continente, a partir deste infinito que alfineta os nossos pés em busca de parada. Mas não consegue.

Isto aqui não para. Isto aqui, não para.

(chamada de bateria)

Chegamos.

PASSISTAS 1 - FALTA MENOS

(passistas carregando alguns pedaços de fantasia de carnaval. Um deles sem sapato.)

Cantam:

“Para bailar La Bamba, cair no samba

Latino-americano som

No compasso da felicidade

Irá pulsar mí corazón” (2X)¹

C: Falta muito?

B: Falta menos.

C: Estamos nisso há horas!

B: Que exagero!

C: Exagero? Daqui a pouco aparece a placa “Você chegou ao México”!

A: Eu estou com a sensação de que está faltando alguma coisa.

B: Normal. Normal faltar alguma coisa.

C: Vocês sabem mesmo o caminho?

B: Você não sabe o caminho *(para C)*?

C: Eu? Eu não!

B: Eu sei, acho, é por aqui mesmo.

A: Está faltando alguma coisa.

C: Eu to exausta!

A: O sapato!

¹ Trechos do samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, de 2006. O título do enredo deste ano era “Soy Loco por Ti, América: A Vila Canta a Latinidade”.

B e C: Que que tem o sapato?

A: Puta que pariu, o sapato!

B: Não vai me dizer que você não trouxe?

C: Eu to exausta.

A: Eu trouxe!

C: O que?

A: O sapato!

B: Cadê seu sapato?

A: Eu não sei.

C: Procura direito.

B: Não pára.

A: Vocês me fizeram correr pra descer do ônibus!

C: Claro, você estava de paquera atrasando a gente.

B: Não para!

A: Eu devo ter deixado no banco do ônibus!

C: Você não trouxe seu sapato?

A: Eu trouxe! Só esqueci no ônibus, acho.

C: Deve ter ficado com o seu paquera.

B: Não pára.

A: Pára! É carnaval!

C: Que que tem?

A: Me deixa paquerar, é carnaval!

B: Quem fala muito não anda...

A: Meu sapato da fantasia, não acredito.

C: Falta muito?

B: Falta menos.

A: Como é que eu vou desfilar faltando fantasia?

B: Acho melhor correr.

C: Agora vai sem, não dá pra voltar.

B: A gente já saiu atrasado.

A: Eu não saí atrasada!

C: Mas atrasou paquerando no ônibus.

A: De novo isso, gente?

C: Tem muita gente.

B: Normal. Normal ter muita gente.

C: Eu me perco com muita gente.

A: Sério?

C: Eu me perco.

A: Eu me perco quando eu corro sem saber o caminho.

B: A escola já deve estar quase entrando.

C: E nada da ala ainda. Será que as pessoas já estão lá?

B: Normal. Normal as pessoas já estarem lá.

A: Eu sou ponta da ala! Não posso aparecer sem meu sapato!

C: Não mesmo.

B: Amiga, você vai levar um esfrega da chefe da ala.

C: Nós vamos chegar no México, mas não vamos chegar nessa avenida, Brasil.

A: Já não passamos por aqui antes?

B: Corre.

A: Já passamos por aqui antes, ein.

C: Onde?

B: Por aqui.

C: Falta muito?

B: Corre.

A: Eu tenho certeza que eu já vi esse cara (*alguém da plateia*).

C: Falta muito?

B: Falta menos. Corre.

PEGA-PEGA

Menino:

Minha primeira memória correndo é de quando eu tinha cinco anos.

Eu, eu pequeno, pequenininho, magrelinho, pernas finas. Eu pequeno vivia correndo.

Eu, minha mãe, mãos dadas, passos largos os dela, um dela três meus.

Ela, a calçada da rua em que morávamos, um pouco pedra, muito buraco, rua do meu bairro, interior de estado.

Eu, eu dentro-interior-pequeno, brinco: buraco é lava!. Salta, dá seus pulos. Pisou-morreu.

Ela, minha mãe, de repente me puxa, me arrasta pela lava e me leva pelo braço.

Oba! Pega-pegas!

Ela corre, corre, corre comigo pela calçada. Pista-calçada de buraco-obstáculo.

Eu vi: na nossa frente um competidor brincando com a minha mãe. Um boy brincando com a minha mãe. Com a gente. Um boy. Brincando. Minha mãe dentro-interior-vulcão brinca de pega-pegas com ele à nossa frente.

Minha mãe corre comigo atrás dele.

Ele, o homem, é rápido. Vai pra rua, eu junto, pelo braço, queimando em lavas levado pelo passo triplicado da minha mãe, ziguezagueando pelas ruas barulhentas do bairro.

— “Tá comigo!”, eu gritei dentro-interior-pequeno. Mas ninguém me ouviu.

— “Luiz! Luiz!”, gritou a minha mãe para fora-exterior-grande. E a vizinhança das janelas amontadas assistiu.

Luiz era o nome do meu padrasto. O competidor da minha mãe. Eles viveram por nove anos juntos, num desses relacionamentos cheios de buracos, pedras, pega-pegas, lavas e vulcão... muy latinos eles... de los pies al corazón.

“Luiz! Luiz!” minha mãe gritava enquanto a gente corria. Mas pega-pegas só é jogo quando se deixa pegar. Corre mas corre devagar, meio assim, pra alcançar. Acaba sumindo quem não sabe correr jogando, vai pra casa mais cedo. Do que será que ele tava brincando?

Hoje o Luiz já não corre mais com a gente.

Eu, eu grande, salto lavas e pego-pegas pra correr essa minha memória dos cinco anos, pegou?

Ela, a minha mãe, segue correndo, me arrastando pelo braço e tentando me ensinar a viver.

CORRE COMIGO

Aquela que não é a Rita: Foi assim: A cobradora olhando o celular. Eu digo que esqueci o bilhete em casa. Ela tira o cartão do bolso da camisa azul, encosta no aparelho. Bip.

- Pode passar.
- Obrigado.

Ela não responde. Nem me olha. Tudo bem. Ufa. Bom dia. Sentei. Corri pra chegar, hoje não vou me atrasar. Fone de ouvido. Olhos fechados. Meu mundo.

Cinquenta minutos de spotify. Era isso o que me separava do meu ponto final naquele dia.

No dez, alguma coisa bate na janela. Me chama a atenção. Tiro o fone.

Um rapaz, correndo ao lado do ônibus. Corre como se estivesse atrasado para mim. Ele olha. Ele correndo me olha. Ele olha na minha direção.

- Rita!!! Rita!!!

Rita? Mas meu nome não é Rita!

Ele corre pareado comigo, do lado de fora.

- Rita!!!

O ônibus é mais rápido. Sempre é. Ele vai ficando pra trás, recupera um pouco nas paradas, mas nunca chega a me alcançar totalmente.

- Rita!!!

As pessoas ao meu redor começam a me olhar. Não pra ele. Pra mim. Elas me encaram tentando adivinhar que tipo de merda aquele rapaz teria feito pra que eu — a Rita ? — tivesse abandonado o sujeito corredor.

Ele corre. Corre. Corre. E me olha com uns olhos de verdade. Ele tem certeza absoluta de que eu sou ela. E eu até já começo a duvidar da minha certidão.

A cobradora já desgrudada da tela do celular e agora entretida com a novela matinal do circular, desamarra a cara e me sentencia, certa de um capricho do coração:

- Porra, Rita. O cara tá correndo há horas atrás de você. Perdoa, vai!

E o ônibus responde pra ela num coro de transporte coletivo:

- Perdoa! Perdoa! Perdoa!

A essa altura... eu talvez quisesse mesmo ser a Rita. Perdida por aí.

O trânsito, maldito cúmplice, freia tudo e o ônibus para.

Antes mesmo da porta abrir completamente, ele entra correndo, para na minha frente e me encara com a certeza ofegante dos corredores:

— Rita, corre comigo! (*com sotaque espanhol*)

(*o ônibus: corre! corre! corre!*)

CORRER É VÔO

Pesquisadora: Olá.

Primeiro eu gostaria de agradecer o convite. Eu estou muito feliz por estar aqui nesta noite para falar de uma coisa que reúne tanta gente. Bom, eu queria fazer um recorte do ato de correr na perspectiva da dança cênica e como isso foi abordado.

Pode passar.

Uma das referências aqui pra nós é o livro “História dos gestos”, que foi organizado por duas historiadoras da dança: a Isabelle Launay e Marie Glon....

Pode passar.

Elas vão historicizar alguns gestos muito presentes na dança cênica e o CORRER foi um desses que elas olharam.

Pode passar!

É muito interessante que logo no início do capítulo que fala da corrida, elas diferenciam a ação de correr do gesto de correr, né? Colocando que a ação de correr se sintetiza através de um movimento sucessivo e acelerado das pernas e dos pés ...

Pode passar!

... e que essa ação, correr, é compartilhada entre seres humanos e animais. E aqui a gente já pode pensar a corrida, a corrida ação eu digo, como algo para além da cultura, uma coisa da ordem da natureza mesmo. Já o gesto de correr, é um tipo de movimento que está mais relacionado ao território da humanidade. E aí...

pode passar,

... situando a corrida enquanto gesto, as autoras vão dizer que correr envolve todo o corpo humano no desejo de atravessar algum espaço. Eu achei bem bonita essa parte, assim, pensar que todo o corpo se mobiliza em função desse desejo, de se mover, se deslocar, cruzar um território com os pés, empurrando o ar com o peito. Porque pra corrida enquanto gesto, por exemplo, estar em lugares diferentes é só uma questão de..... de tempo mesmo...

pode passar,

... o gesto vai se organizar da seguinte maneira: a caminhada ganha uma aceleração cardíaca que leva o corpo a um desequilíbrio, seguido de um pequeno ímpeto de impulso, um salto, um momento fora do chão.... um voo.... e uma aterrissagem...

pode passar!

Já no século XVIII-XIX a corrida vai ser estudada enquanto atividade física, recreativa e desportiva. Corrida esporte.

Pode passar!

A inspiração para organizar o atletismo na modernidade, por exemplo, foram as corridas de cavalo, olha só. A pista, então, deixa de ser só uma travessia reta e passa a ser circular, trazendo uma repetição vertiginosa, acolhendo uma corrida sem fim...
pode passar...

um espaço potencialmente infinito,
pode passar...

Lembrando que, na perspectiva de quem corre, estar em lugares diferentes é só uma questão de tempo.

Pode passar...

Porque em 1872 o então governador da Califórnia - vocês sabiam que a Califórnia pertencia ao México até 1850? Pois é, questão de tempo. (*retomando*) Então, o governador da Califórnia lá no século XIX, um homem de negócios e apreciador de hipismo, deu pra afirmar que todas as quatro patas de um cavalo deixavam a terra ao mesmo tempo durante o galope. Ele apostou a sua teoria com um amigo e para provar cientificamente a sua afirmação, procurou um fotógrafo que desenvolveu um esquema de captação instantânea de imagens.

Pode passar...

O fotógrafo montou uma linha de 12 câmeras acionadas por fios em uma pista de corrida para capturar o movimento em sequência do cavalo, provando que sim, o cavalo ficava suspenso no ar por um breve instante, numa espécie de vôo.

Pode passar...

Acontece que o registro e a exibição sequencial dessas 12 imagens, criava a ilusão de movimento e esse experimento, conhecido como "The Horse in Motion" foi um dos primeiros passos para a invenção do cinema e todo o vôo que ele nos proporciona...
... pode passar!

E embora eu esteja aqui falando até agora da corrida... pode passar...

Muito partindo, né, dos membros inferiores chegando até a inclinação do tronco, pés, impulso, centro de gravidade, chão, cintura escapular, asas, voo.... pode passar...

Tudo isso se conecta aqui numa experiência de correr-vôo que é muito ancestral na história humana, é uma questão de tempo, pode passar...

Na perspectiva de quem corre, estar em outro lugar é uma questão de tempo, vai passar...

Imagina quem já esteve aqui...vai passar...sangrando pelos pés...pode passar...aqui... pode passar... voou aqui...pode passar... com os dois pés fora do chão... pode passar.... por aqui sambaram os nossos ancestrais... pode passar...nesse território que pertencia a outras pessoas... vai passar... território tomado... pode passar... desequilíbrio...pode passar... o correr...pode passar... é uma questão de tempo... vai passar...

(seguido de uma sequência de movimentos a partir da corrida-vôo)

DOC 1

Carol: Mais cedo, quando a gente estava chegando aqui pra preparar a peça pra sessão de hoje, tinha uma mulher aqui na porta, do lado de fora. Ela estava de frente pra porta, sozinha, mas parecia que estava em cena, sabe, ou ensaiando alguma coisa, ensaiando dizer alguma coisa. Eu acho que ela estava perdida. Bom, certamente estava perdida. Mas parecia muito à vontade também, de pé, de costas pra gente, olhando pra frente, pra porta, meio atriz. Tive a impressão de que ela tava cantando baixinho e tava mesmo, num idioma que ninguém conseguia identificar. Mas era um canto bonito, numa voz aguda, parecia uma reza também. Eu fiquei parada um pouco, no tempo, ouvindo, tentando me agarrar a alguma palavra que talvez eu conhecesse. Mas como estamos neste espaço, tem muita gente, barulho, vai e vem, não consegui. Então eu fui pra direção da porta pra tentar ouvir melhor, tentar olhar pro rosto dela, pra ver se eu a conhecia. Também não consegui. Quando eu pensei em falar, perguntar alguma coisa, ela saiu correndo pelo saguão do teatro. Mas não correndo fugindo, fugindo de nós, de mim ou da minha tentativa de aproximação, correndo correndo mesmo, correndo de um jeito que... não sei, sem pressa sabe, como se ela estivesse correndo a vida toda e só parado aqui pra olhar, pra nos olhar, rezar, esperar, coisa assim. Todo mundo achou estranho. Nós acompanhamos ela correr até sumir de vista, na curva, ali.

PASSISTAS 2 - QUEM FALA MUITO NÃO CORRE

(passistas carregando pedaços de fantasia de carnaval. A e C estão sem sapatos. C terminando de tomar uma cerveja corona).

Cantam:

“Soy loco por tí, América

Louco por teus sabores

Fartura que impera, mestiça mãe-terra

Da integração das cores”

B: Termina logo isso.

C: Eu estou exausta.

A: Olha em volta!

C: Achou a ala?

A: Não, mas de repente eu reencontro o meu paquera com meu sapato.

C: Esquece, é carnaval, já deve estar longe beijando outra pessoa.

B: Normal. Normal beijar outra pessoa.

A: Olha em volta, gente!

B: Termina logo isso (*para C*).

C: Não consigo correr e tomar ao mesmo tempo.

A: Ali!

B: Ali o que?

A: Aquele cara de bigode!

B: Que que tem?

A: Aquele cara de bigode de novo!

B: Onde?

A: Já passamos por aqui e não faz muito tempo.

B: Onde?

A: Aqui. Eu já vi aquele bigode!
 B: Normal. Normal gente de bigode.
 C: *(para B)* Confessa, você não sabe para onde estamos indo.
 B: Claro que eu sei, eu acho. Eu sei! De bigode?
 A: Ai, caramba, acho que eu perdi. Putz, me perdi.
 C: Falta muito?
 B: Falta menos.
 C: Eu acho que ela tem razão ein.
 B: Corre.
 C: A gente já passou aqui.
 B: Termina logo isso.
 A: *(para C)* Depois sou eu que atraso.
 B: Não pára.
 C: Gente! Eu só parei um pouquinho pra pegar uma cervejinha geladinha rapidinho da barraca do mexicano que tava vendendo corona!
 A: Uma fortuna, a cerveja, uma fortuna.
 C: É carnaval!
 B: Não para. Toma e corre.
 C: Trabalhei o ano inteiro, tenho direito a uma alegria fugaz.
 B: Normal. Normal uma alegria fugaz.
 C: Eu também estou achando que já passamos por aqui, ein?
 B: Onde?
 C: Aqui.
 A: Não tô dizendo? Chega no México mas não chega nessa avenida, Brasil.
 B: Quem fala muito não corre.
 C: Falta muito?
 B: Não tem fôlego pra correr.
 C: Ein?
 B: Falta menos.
 A: Amiga, olha pra você! *(para C)*
 C: Que que tem?
 A: Você está sem sapatos!
 C: Puta que pariu!
 B: Não pára, Brasil!
 C: Onde eu deixei meu sapato?
 A: Onde você deixou seu sapato?
 C: Não sei, será que ficou no mexicano da cerveja?
 A: Uma fortuna, a cerveja, uma fortuna.
 B: Certeza que ficou no mexicano da cerveja!
 A: Olha em volta, de repente a gente acha o meu paquera e o mexicano da cerveja.
 C: Meu sapato da fantasia, não acredito.
 B: Agora vai sem sapato, não dá pra voltar.
 A: Estamos nisso há horas!
 B: Vocês vão levar um esfrega da chefe da ala chegando na avenida sem sapato.
 C: Não é aquele ali?
 B: O paquera?
 A: Onde?
 B: Aqui.
 C: Não!
 A: Ah.
 B: O mexicano?

C: Não.
 B: A chefe da ala?
 C: Não! O cara de bigode!
 A: Pode ser, aí eu acho que eu perdi, me perdi.
 C: Muita gente.
 A: Eu me perdi.
 B: Quem fala muito não corre.
 C: Falta muito?
 B: Não tem fôlego pra correr.
 C: Falta muito?
 B: Falta menos. Corre.

PÉS LIGEIOS

Palestrante: Quanto tempo eu ainda tenho? Tá bom.

Então, eu estava dizendo que os rarámuris são um povo originário que vive no norte do México, em Chihuahua, na região da Sierra Madre Ocidental. Bom, a palavra raramuri quer dizer pés ligeiros, porque são pessoas que correm, correm muito, muitas vezes descalças, com os pés no chão, vivem correndo ou caminhando longas distâncias, nem sempre uma corrida rápida, mas constante, brincam correndo, ficam dias assim, dançando também. Tem pesquisadores que dizem que essa coisa da corrida é antiga, uma espécie de resistência simbólica e silenciosa, um corpo coletivo de um povo que tenta se equilibrar no movimento, talvez um eco dessa fuga da colonização, ainda. E é uma comunidade razoavelmente conhecida até, tem documentário e tudo, livro, pesquisa acadêmica, uma porção de coisa.

Meu tempo, por favor? Ok.

Eu queria mesmo concluir essa minha fala de hoje apresentando a Rita, a Rita Patiño, que foi uma mulher que virou tema de um desses documentários sobre os rarámuris. Isso porque um dia ela apareceu, muito assustada e aparentemente perdida, numa vila do Kansas no começo da década de 80. Ninguém soube muito bem como ela chegou lá. A polícia foi chamada, levaram ela à força pra delegacia, depois para um hospital, tudo de forma involuntária, claro. Os policiais contam neste documentário que ela batia forte nos vidros da viatura. E aí chegaram à conclusão de que ela era um perigo para si mesma e ela ficou lá no Kansas por mais de dez anos, falando um idioma incompreensível, tratada como doente mental numa espécie de manicômio, até que uma advogada soube do caso dela, acessou os documentos e conseguiu decifrar a origem rarámuri dessa mulher, da Rita.

Imagina, eu pesquisei e da região de Chihuahua até a cidade do Kansas são mais de 1300 km em linha reta! Ninguém soube como essa mulher caminhou ou correu essa distância toda, esse tempo todo, falando um idioma completamente desconhecido, não foi vista...

Aí, enfim, só tiraram ela de lá depois de dez anos. A Rita. Ela foi levada de volta para Chihuahua depois de um tempo, foi viver com uma sobrinha rarámuri o tempo que lhe restava. Hoje ela já morreu, a Rita. Tudo isso tá neste documentário que eu falei...

Eu fiquei pensando, enquanto eu preparava esse material pra vocês, se fosse eu, o que me levaria a caminhar ou correr mais de 1300 km pra longe da minha terra, do meu lugar, das minhas pessoas, ou de mim mesmo até. Fiquei pensando aqui as motivações de uma pessoa que se põe a olhar pra frente, correr, e deixar pra trás... algo. Se coragem ou desespero ou falta de opção, não sei, talvez tudo isso e mais coisas que eu nem o que é.

Eu sinto que o meu tempo está acabando, sabe, que se eu quiser fazer alguma coisa do tamanho dessa travessia da Rita, eu deveria começar agora, me perder.. Largar tudo, agora, sair andando, ou correndo que é mais rápido, não sei. Encarar aquela coisa que vem depois da... da curva. Tem alguma coisa lá, mas a gente não sabe exatamente o que é.... é disso que eu estou falando, do tempo que vai terminando, afunilando as possibilidades, prendendo os pés da gente aqui, dando medo, o tempo que corre dá medo, teria que ser agora, só pode ser agora...

Quanto tempo eu ainda tenho?

PÉS NOS VÃOS

A que gosta de sair pra dançar: Eu sempre adorei sair pra dançar. Não suportava aquele ambiente de barzinho parado, sabe? Sair pra dançar me fazia andar por aí, me mover, comer a brisa da noite. Eu adoro me jogar em várias pistas, diferentes e variadas, sempre fui de uma pra outra, subindo e descendo...

Bom, um dia, eu fui dançar numa balada e numa hora da noite, tive que ir ao banheiro. E olha que loco, a balada estava cheia, mas quando entro no banheiro: o vazio. Eu, sozinha. Era o que eu achava.

Porque quando eu olhei pelo reflexo do espelho eu vi, no vão debaixo de umas das portas, os pés de uma mulher. Cada pé com um sapato de cor diferente.

Eu pensei "Gente, quem é que vai pra balada com um sapato de cada cor?" Eu fiquei intrigada com aquilo, eu parei de me maquiar e fiquei olhando um tempo pro vão através do reflexo. E, eu não sei, parecia que aquele sapato estava me chamando, sabe? Ele estava me convidando.

Foi aí que me dei conta de que os sapatos que eu estava usando tinham a mesmíssima cor de um dos dela, ou seja, se eu entregasse um dos meus, ela ficaria com a combinação perfeita. Então eu não tive dúvidas: cheguei bem pertinho da porta, tirei o meu sapato, entreguei o meu par por debaixo e fiquei descalça de um pé.

Eu senti que ela me percebeu e meu coração gelou. Eu colada na porta, num silêncio estranho, ela puxou o meu sapato com uma mão pra dentro do vão e depois pegou meu pé e... acariciou... Depois o colocou com muita força na própria bochecha, como se estivesse pedindo pra eu pisar no rosto dela, lambendo muito....

Começou a beijar o meu pé, ela passou os lábios, a língua, colocou os meus dedos na boca, no vão. Profundo meu pé, parte boa dentro. Eu até consegui sentir as batidas do seu coração com os meus dedos molhados. E parecia que a pista toda havia parado pra ouvir a nossa respiração.

Meu, eu só recebi aquilo e era como se o meu pé estivesse voando naquele vão.

No fim da noite quem chegou em casa com sapatos um de cada cor fui eu.

CORAÇÃO VOADOR

Viajante: Nós estávamos voando de São Paulo à Cidade do México com escala em El Salvador. Quando o avião pousou em El Salvador, a comissária, em estado de alerta, disse no auto falante: “os tripulantes que fazem escala neste aeroporto levem agora e saiam rapidamente antes de todos”.

Descemos do avião meio sem entender a pressa e demos de cara com uma van nos esperando. A gente começou a achar aquilo tudo muito estranho. Todos entraram na van que saiu correndo pela pista de voo, nos levando até o próximo avião. Dentro da van tinha uma enfermeira que segurava um *cooler*, um isopor .

— “Aquí dentro hay un corazón”, ela disse, “Um coração que precisa bater num novo corpo em até quatro horas”. Ninguém falou mais nada, um silêncio total.

Eu e as demais pessoas desconhecidas umas das outras compartilhando aquele momento íntimo. Íntimo eu não sei se é uma boa palavra mas estávamos nós ali naquela situação, que por um lado era um velório de um coração morto e por outro a celebração de um coração vivo que corria voando em busca do seu novo peito.

E nós ali juntos naquele entre, entre a morte e a vida . E no corre de fazer aquele coração chegar em tempo. Um coração dentro de uma caixa de isopor e cada um de nós dentro dos nossos pensamentos em idiomas distintos. Se fez um silêncio meio que sagrado. Era possível escutar as batidas dos nossos corações e eu tive a impressão de ouvir também a batida surda e compassada daquele coração congelado e ávido por bater de novo.

Foi quando lá do fundo da minha cabeça veio correndo uma voz que me dominou por completo.

Quién me va a entregar sus emociones?
 Quién me va a pedir que nunca le abandone?
 Quién me tamará esta noche se hace frío?
 Quién me va a curar el corazón partió?
 Quién llenará de primaveras este enero
 y bajará la luna para que juguemos?
 Dime, si tú te vas, dime cariño mío
 Quién me a curar el corazón partió?

CORAÇÕES SUADOS

Homem: Acordo às 04h30 da manhã, saio de casa correndo, corro pra pegar o ônibus, corro pra comer dentro da hora apertada do almoço, corro pra bater a meta de venda na loja, corro pra não me atrasar na primeira aula do noturno e a professora não me dar falta, eu já não tenho vinte anos, corro pra pegar o ônibus de volta... corro a semana toda... e aí às onze e meia da noite começa a minha hora do dia... eu chego em casa, tomo meu banho, faço uma comida pra mim, como em silêncio, lavo a louça e antes de correr pra dormir, coloco o lixo na calçada.

Foi lá que eu o conheci.

A primeira vez foi só um vulto, ele passou correndo por mim deixando só o vento.

A segunda vez eu consegui perceber mais a corrida dele, ziguezagueando pelas casas da rua até chegar na minha.

Da terceira vez em diante tínhamos um ritual: eu saía pra calçada, ele vinha correndo por ela, pegava meu lixo, corria até o caminhão e jogava.

Depois de um tempo eu queria que ele prestasse mais atenção em mim. Eu comprava sacos de lixo de cores apaixonantes: pink, roxo, vermelho. Mas ele... nada. Pegava meu lixo como outro qualquer e... jogava na caçamba.

Eu tive que aumentar o meu corre.

Fazia tudo mais rápido: corre despertador, corre almoço, corre meta, corre ônibus, corre aula, aumenta o passo, encurta o tempo, chegar em casa, banho, janta, marmita, mochila, lixo e... calçada. Mais cedo do que antes.

De lá do outro quarteirão ele poderia me ver, se quisesse, eu olhando disfarçadamente o celular.

Mas nada. Ele pegava meu lixo, jogava na caçamba e ia embora.

Ah é? Aposto dobrada!

Vários sacos de lixo diferentes, colocava o meu na frente da minha casa e corria pelo quarteirão de trás. Ia colocando saco por saco nas lixeiras das casas só pra ver ele passar, depois corria para o outro quarteirão, eu decorei a rota do caminhão.

E ele nada. Pegava o lixo e jogava na caçamba. Teve noite de eu ficar uma hora nesse corre.

Então eu resolvi parar e bolar um plano para que ele enfim me percebesse.

Fiquei do lado de dentro da minha casa e, na calçada, no murinho perto da lixeira, eu deixei uma latinha de guaraná estupidamente gelada, suando, brilhando, lacrada.

Eu vi. Ele pegou o lixo, percebeu o guaraná, abriu a lata, deu um gole rápido, devolveu a latinha no mesmo lugar e saiu correndo.

Eu fui até a calçada e dei um gole na nossa mesma latinha tropical, nosso beijo noturno, sabor de saliva de corredores. Só eu e você, que sede que dá.

Depois, Sprite, Fanta, Coca, uva, breja, rolou até um vinho no natal... corre refrescante para corações suados, nosso encontro pelos goles virou ritual.

Mas.... eu queria mais! Teve um dia que eu me arrumei todo e quando ele deu o gole no energético que eu tinha deixado na calçada eu saí pra gente correr juntos. Ele me olhou e sorriu! E a gente foi correndo, correndo... pegando outros lixos do bairro, correndo e jogando os sacos na caçamba... correndo e comemorando os acertos. A cada vitória ele abria um sorriso pra mim.

Correndo, correndo, juntos, correndo, correndo... bonito né?

Mas não foi assim que aconteceu. Na verdade, a prefeitura cancelou o contrato com a empresa de limpeza pública onde ele trabalhava e desde então ele nunca mais apareceu.

Até hoje o meu coração dispara quando eu estou na rua e ouço o barulho do caminhão.

DOC. 2

Emilene: Depois que ela correu, a gente entrou e fomos pro camarim. Mas desde aquela hora eu não consigo parar de pensar naquela mulher. Teve um quê de inusitado, claro, do nada alguém de frente pra porta, perdida, ainda mais cantando. Aquela música me encantou um pouco, sabe? Foram segundos que a gente parou pra ouvir, pra ter certeza de que era um canto mesmo, e não um choro, mas foi o suficiente pra eu me deixar levar pela aquela voz aguda, aquela letra incompreensível, outro idioma eu acho, não sei. Mas certamente desconhecido pra mim. O idioma, desconhecido pra mim. Tem algum encanto nos idiomas completamente desconhecidos, algo inacessível, uma mistura de curiosidade, desespero e desejo. Uma sensação de despejo, sabe? Bota fora de algum lugar comum e já dado, dá mais trabalho ouvir um idioma desconhecido. É como se voltássemos a ser um pouco mais bicho, o instinto toma conta. Eu me perdi.

PASSISTAS 3 - É DIFÍCIL CORRER FALTANDO FANTASIA

(passistas carregando pedaços de fantasia. Os três sem sapatos, de bigode e tomando uma coroa).

Cantam

"Sangue "caliente" corre na veia

É noite no Império do Sol

A Vila Isabel semeia

Sua poesia em "portunhol"

B: Perdi.

A: Como?

B: Puta que pariu! Eu não sei!

A: Não lembra?

B: Não sei.

C: Eu estou exausta.

B: Perdi, também me perdi.

A: Como é que pode, gente?

B: Não sei, estava aqui, corri, quando me dei conta não estava mais.

A: Há quanto tempo estamos correndo?

C: Muito, muito tempo. Daqui a pouco aparece a placa "Você chegou ao México".

A: Olha em volta. A gente ensaia, canta, dança, é quadra, é corre, é muita gente pra desfilar.

C: Muita gente. É um continente inteiro. Eu me perco.

B: Corre, coração.

A: É difícil correr faltando fantasia.

B: Não pára.
 C: Eu me perco no carnaval.
 B: Normal. Normal se perder no carnaval.
 C: Eu estou exausta.
 A: Não vamos chegar a lugar nenhum faltando fantasia.
 B: Não dá.
 A: Vamos pegar emprestado de alguém?
 B: O que?
 A: A fantasia, de alguém...
 C: De quem?
 A: Sei lá, tá cheio de gente aqui, olha em volta.
 C: Você está doida.
 A: Normal. Normal estar doida.
 B: Hm, não pára.
 A: Vamos pedir algum sapato emprestado, eu vi uns sapatos aqui que passam por fantasia. Quanto tempo falta para o desfile começar? Falta muito?
 B: Falta menos.
 A: Que sensação estranha,
 B: Hm
 A: Olha em volta.
 B: Que que tem?
 A: Parece que tem mais gente de bigode. *(saem)*

(passa pelo palco a mulher que cantava no início tomando uma corona e com uma faca na mão).

A CABEÇA DA CORREDORA É UM INFERNO

Atleta: Isso, é Paula meu nome. É. Aqui? Aqui no chão? É estranho falar disso sentada, não sei, mas vamos lá. Parece que eu sou uma intrusa aqui, mas vamos lá. Obrigada pelo convite, mas se eu estou aqui hoje é por causa dela.

Bom, eu comecei a correr há 20 anos. E eu comecei pra emagrecer né. Pra chegar naquele corpo. Naquele corpo lá. Comecei a correr e virei alucinada da corrida, me apaixonei. Entrei num boom! Isso aqui é muito bom! Isso aqui é muito bom!

Eu já trabalhei numa revista de corrida, conheci as marcas, comecei a receber tênis de brinde, me levavam pra viajar. Eu já fui a brasileira mais rápida em Paris, Nova Iorque, Milão, Budapeste e aí eu acreditei no *hype*. Eu acreditei no *hype* e comecei a perseguir resultados e performance. Uma maratonista precisa correr todo dia, fazer um ciclo de 16 semanas, 100 km em 7 dias, duríssimo, essa rotina é muito apertada, não me cabe mais. Mas eu só aprendi isso depois que ela revelou pra mim.

Antes dela eu só pensava em baixar meu tempo, dane-se meu corpo, dane-se, dane-se meu ciclo menstrual, dane-se o frio, a chuva, a poluição, dane-se.

Eu me via acelerada porque eu corria 7 vezes por semana como maratonista! 7 vezes por semana!

Corredor não caminha! Pensa! Num treino de tiro, se você caminha, meu bem, acabou sua carreira de atleta! Acabou! Hoje em dia se você caminha ao invés de correr você é *loser*. Caminhar é coisa de *loser*, onde já se viu? Essa é a cabeça do corredor. Era a minha. Eu acho que a gente entrou num boom da corrida de consumo mesmo, sabe? Pra você correr 5k na Marginal Pinheiros você precisa pagar 300 reais! Na marginal! 300 reais!

Cheirando a esgoto e fumaça! E se você quiser correr num parque? Não tem! Não é todo lugar que tem parque.

Agora vê se pode, as pessoas vão pra Berlim pra fazer maratona em 4h30 pagando em euros, porque não faz aqui em São Paulo, pagando em reais? Agora eu fico julgando as pessoas, eu julgo mesmo. Foi ela quem me abriu o olho pra isso tudo.

Quando o *hype*, quando o *like*, quando o tênis de 3000 mil reais consegue entrar no seu pé, ele sequestra o motivo, sabe. Perde-se o barato da corrida e da morfina endógena. Porque o bom mesmo da corrida é isso, ela soca no seu corpo um monte de produto químico orgânico que você mesma produz. É um barato muito louco! Isso aqui é muito bom, isso aqui é muito bom!

O meu pé não aguentava mais o *hype* de maratonista, sabe, não aguentava mais ser socado no asfalto pela corrida. Meu corpo não aguentava mais o boom. Mas eu nem me tocava disso.

Eu acho que hoje em dia as pessoas estão correndo pelos motivos errados, nos lugares errados, na direção errada, contrária, dando com a cara na porta, não sei. Será que nosso corpo aguenta bater no asfalto pelo motivo errado? Não sei. Hoje em dia a minha preocupação na rua é se eu vou ser roubada, meu amor, assediada, se eu vou virar o pé na calçada esburacada. Eu corro é disso. A cabeça da corredora é um inferno, cara. Amudança toda tem a ver com ela, a Vera. A Vera mudou minha cabeça, se você quer saber. Bom, a história foi a seguinte: eu passava aqui, correndo, em dia de treino longo. Um dia eu passei e a Vera estava sozinha, perdida, brincando com um tênis velho, jogando pra lá e pra cá, pro alto, se divertindo com o tênis, latindo. Eu achei graça nela. Peguei a Vera no colo e levei embora! Levei mesmo! E ela foi, foi fácil, ela é super mansa. Tem o jeito leve de correr de uma amiga minha, chamada Vera, que eu conheci uma vez numa maratona.

Por isso o nome: Vera.

Desde esse dia a Vera passou a correr comigo e eu achava ela mais do *hype* do que eu! (risos). Virou minha parceira na rua, no parque, não tinha tempo ruim pra Vera, onde for. Levava ela em competição e tudo, roupinha, viseira, tênisinho na pata. A minha cabeça infernal de corredora passou a correr por ela. O meu pace ficou muito melhor correndo com a Vera, se você quer saber. O pace é a velocidade média da corrida. A gente mede em minutos por quilômetro. Quanto menor o número melhor. Normalmente uma pessoa que corre devagar tem um pace de 7 min/km mais ou menos. Eu??? Com a Vera, meu bem, a gente socava em 4 no asfalto, às vezes menos. Corrida na pegada mesmo. Au au au au au au!!

O pessoal já sabia quando a gente estava passando correndo porque ela latia amarrada na minha cintura. Ela corria e latia, corria e latia, latia, latia, latia, latia, latia, latia.... um boom de latido na minha cabeça infernal de corredora. Latia chapada de morfina endógena canina.

Acontece que um dia, se você quer saber, eu fiquei encucada, sabe? Fiquei encucada que ela estava querendo falar comigo. Não sei. Eu costumava gravar alguns vídeos da gente correndo. Teve uma vez que eu assisti a um desses vídeos e a minha nóia aumentou.

Um dia, durante um treino socado e chapadão no parque, eu comecei a escutar, e ela latia latia latia. Fiquei preocupada, ela já não era novinha. Nós duas correndo forte e eu comecei a prestar mais atenção. Meu, ela não parava de latir.

E aí eu entendi finalmente o que ela queria me dizer, e o que fez minha vida mudar pra sempre. Minha cachorrinha Vera. Nesse dia no parque, eu correndo chapadona de morfina endógena, escutei no latido dela a frase *turning point* da minha cabeça infernal de corredora.

Ela latia: Pára, Paula! Pára Paula! Pára, Paula!

NÃO ME CABE

(uma loja de sapatos)

A: (vendedor/a) Boa tarde.

B: (cliente) Boa tarde.

A: Posso ajudar?

B: Não, obrigada (*silêncio*). Não pode ajudar, eu estou só olhando.

A: Bom, se precisar de alguma coisa, pode me chamar.

B: Obrigada.

A: De nada.

A: É pra você ou é pra presente?

B: É pra mim mesmo.

A: Quanto você calça?

B: 38 (*pausa*).

A: Eu também.

B: É que eu estou só olhando mesmo, obrigada. Eu estava no ponto de ônibus aqui na frente e resolvi entrar.

A: Desculpa. Bom, se precisar de alguma coisa é só falar. Esse tênis aí que você está usando é modelo antigo mas a gente tem aqui no estoque, dessa cor mesmo, no seu número. Quer provar?

B: É que eu não estou mais gostando desse aqui, sabe, já me cansou, esse aqui.

A: Sei, eu também me canso dos meus.

B: É que me aperta, quando eu ando.

A: Sei (*pausa*). Dá pra ver.

B: Dá pra ver o que?

A: Dá pra ver, quando você entrou, você anda um pouco, com os pés ligeiros, sabe? Pisando assim meio... rápido, não sei, como que se... doesse, doesse quando encostasse o pé no chão (*silêncio*). Eu sei que você está só olhando, mas se quiser eu posso pegar ali na vitrine pra você olhar com as mãos, a gente sempre tem uma noção maior quando pega e olha, com as mãos. Muita gente vem aqui e pede pra eu pegar na vitrine, pra sentir o material do solado, colocar a mão dentro, sabe? E às vezes leva sem colocar no pé, sem provar. Você acredita que muita gente vem aqui e leva sem provar? Eu não entendo muito isso, a pessoa vem na loja, olha, não coloca no pé e leva sem provar. O pé é que sabe gente! Como é que pode né? Porque tem coisa que não cabe, simplesmente não cabe. Um negócio que vai usar o dia todo, no pé, e não prova? Eu não compro nada sem provar (*silêncio*). O que você está usando é um número menor?

B: Não, é o 38 mesmo.

A: E te aperta? Que esquisito. Tem certeza que é o 38 mesmo? Parece menor.

B: Tenho.

A: Mas é o seu número?

B: Sim.

A: E te aperta?

B: Sim.

A: Que esquisito.

B: É. (*silêncio*)

A: De repente se você levar um número maior...

B: Não, meu número é o 38 mesmo. Maior fica largo.

A: Verdade?

B: Sim, maior fica largo.

A: E o 38 fica apertado?

B: Sim.

A: Que esquisito.

B: É. (*silêncio*)

A: Sempre?

B: Como?

A: Sempre assim?

B: Sempre assim, o que?

A: 38 fica apertado e 39 fica largo?

B: Olha, eu estou só olhando mesmo. Se você quiser atender outra pessoa, eu não me importo. Talvez eu tire a sua vez aí da comissão da venda. Sei que vocês ganham com isso, não quero atrasar o seu corre.

A: Tudo bem, eu estou na hora do meu almoço.

B: (*estranhando*) É?

A: É.

B: Você está na hora do seu almoço?

A: É.

B: E você não sai da loja?

A: Não. Eu almoço aqui mesmo, tem uma cozinha pequena ali dentro. É apertada mas me cabe. (*silêncio*). E eu não estou podendo andar muito por aí também, o meu também me aperta.

B: (...)

A: Não, é sério, o meu também me aperta. É que como eu trabalho aqui, não fica bem eu andando assim que nem você, toda... estranha. Então eu evito andar. Imagina alguém me vendo aqui, andando estranho, vão pensar que nem eu mesmo uso os tênis da loja em que eu mesmo trabalho, ou que talvez eu não tenha dinheiro pra comprar. Ninguém vai comprar de alguém que anda estranho, que parece que tem o tênis apertado.

B: Sei. E porque você não compra um novo?

A: E porque você não compra um novo? (*pausa*).

B: É por isso que eu tô aqui.

A: Então prova!

B: Que eu estou aqui?

A: Não! Prova um tênis!

B: Não adianta provar, o 38 fica apertado e o 39 fica largo. Disso eu já sei.

A: Então leva um 39 dessa vez, pra você não ficar andando assim!

B: Assim como?

A: Assim! Desse jeito aí que você anda! Olha, eu tô aqui há horas, esperando esperando e ninguém entra nessa loja. A prefeitura está quebrando a rua há mais de uma semana, parece que vão enterrar os fios de eletricidade aí na frente, não tão cabendo mais no alto, é muito fio, enroscado. Não cabe mais. Colocaram essa placa de madeira aí na calçada com o aviso de "homens trabalhando" mas eu chego aqui às 8h e vou embora às 17h e nunca vejo ninguém, só tem eu trabalhando aqui! Todo mundo passa reto, o resto do mundo todo passa reto e ninguém vê nada, só eu aqui infinito, ninguém me vê. O meu corre aqui embaixo ninguém vê. Não importa o quanto eu corra, não importa se eu acordo cedo e durmo tarde, não importa! Do que que vale saber o caminho se o ponto final nunca chega? Quando é que eu vou ganhar a medalha de campeão, meu irmão? Se eu nunca saio desse lugar. Se não tem tênis que me caiba, se não tem nada que me caiba aqui? Aí você entra pisando desse jeito, pés ligeiros, eu pensei "essa é das minhas, essa vai me render uma comissão, vai entender meu coração!", mas aí você fica dando voltas e dando voltas, cheia de histórias, cheia de linha enroscada que não cabe mais e nem me pede pra provar alguma coisa. Prova qualquer coisa! (*durante*

o desabafo, sai compradora e entra atleta)

Atleta: Provar o que?

Vendedor: Ai, desculpa, ué, onde é que ela foi?

Atleta: Quem?

Vendedor: A moça que estava aqui.

Atleta: Não sei, não vi.

Vendedor: Desculpa. Tudo bem. Tudo bem. *(se ajeita)* Posso ajudar? Quer comprar tênis pra corrida?

Atleta: Que corrida, meu querido, meu corpo não aguenta mais o boom, eu quero é parar! *(despeja um saco de tênis de corrida usados)*.

DOC. 3

Carol: O que será que aquela mulher do tamanho de um continente queria ali, de frente pra porta do teatro?

Emilene: Num canto meio reza, não sei, com aquele idioma desconhecido e depois correndo infinito?

Wally: Quando alguém corre um idioma que a gente nunca ouviu precisa prestar ainda mais a atenção, na voz, nos pés, no silêncio, na intenção...

Carol: Nós ficamos ali, parados, tentando lembrar a música. Mas o idioma desconhecido não deixou muito.

Emilene: Nosso coração partiu, um pouco, junto dos pés dela, virando ali, na curva. Eu me perdi. *(silêncio)*

Carol: Mas, isso aqui não para.

Emilene: Isso aqui não para.

Wally: *(acena um não com a cabeça)* Não para.

Carol: Falta muito?

Wally: Falta menos.

CHEFE DA ALA

Chefe da ala: Boa noite, por acaso vocês não viram passar por aqui três pessoas com fantasias de carnaval? Três brasileiros...

Carol: Não, não vi.

Chefe da ala: É? Um deles é um rapaz bonito, assim, parecido com você.

Wallyson: *(ri)*. Não, não vi.

Chefe da ala: É que eu sou a chefe da ala em que eles vão desfilar, eles estão atrasados, estou preocupada. Bom, se por acaso vocês encontrarem com eles, digam que eu estou procurando.

Emilene: Ah sim, pode deixar.

Chefe da ala: E pra eles correrem.

Todos: Pode deixar.

Chefe da ala: Gracias.

CORAÇÃO BOMBA

(num ponto de ônibus)

Filha/Compradora: Essa é uma história-continente. E ela me fez parar, por um instante. Toda noite nós nos encontrávamos no ponto de ônibus quando eu voltava do cursinho. Ela me esperava, eu descia do ônibus e caminhávamos juntas para casa. Em silêncio. No caminho de volta, eu tentava coincidir os meus passos aos dela, buscando uma marcha direita-esquerda ritmada do exército de nós duas. Era uma tentativa solitária de me conectar com a minha mãe que, àquela altura, só podia me dar uma única coisa sua: o silêncio da volta pra casa.

Vendedor/Menino: Mas minha mãe não foi sempre só silêncio não, em outros tempos ela cantava, quando eu era criança, numa época de nossas vidas um pouco mais barulhenta de palavras. A voz continental da minha mãe cantava cantos de palavras incompreensíveis do lugar de onde ela veio, um lugar onde eu nunca consegui chegar, nunca soube como encontrar a minha mãe no lugar onde ela nasceu. Nem pelas estradas, nem pelas palavras que ela fazia questão de não me ensinar, como que tentando preservar em mim a curiosidade dos abismos do desconhecido. Também porque a minha mãe sempre esteve num lugar diferente do meu, do nosso. Sempre que estávamos num lugar, ela já tinha corrido pra outro.

Filha/Compradora: Nós voltávamos pra casa todos os dias depois do meu cursinho e, todos os dias, todos os dias, eu perguntava:

Vendedor/Menino: Oi mãe, a senhora está bem?

Filha/Compradora: E ela balançava a cabeça num sim-não que escrevia um ponto final na minha tentativa de conversa.

Aquela que não é a Rita: Eu sempre quis entender os silêncios da minha mãe, e também os meus, que ela havia me deixado de herança, sem eu pedir.

Filha/Compradora: Me lembro que um dia eu descii do ônibus vindo do cursinho e ela estava lá, na mesma esquina, mas com um olhar diferente. Achei que ela pudesse estar querendo me dizer alguma coisa, que finalmente desataria a falar tudo o que ficou guardado naqueles anos todos.

Aquela que não é a Rita: Que eu tivesse que catar do chão todas as exclamações da minha mãe, que ela enfim se livraria do seu silêncio me espancando com as palavras mais violentas dos seus vários idiomas e fronteiras. Eu não sei se eu nunca tinha reparado, mas o olhar dela naquele dia me atravessava como se eu não fosse a sua filha.

Vendedor/Menino: Eu me vi nos olhos da minha mãe naquela encruzilhada e pela primeira vez senti que eu e ela estávamos no mesmo lugar.

Filha/Compradora: Me aproximei e percebi que ela estava descalça. Descalça e com uma faca na mão.

Aquela que não é a Rita: Sobre isso eu nunca soube falar.

Filha/Compradora: O olhar dela estava diferente. A mão em punho revelava o tamanho do seu coração-bomba e eu podia ouvir o sangue dela correndo nas suas veias abertas, bailando em destruição.

Vendedor/Menino: Ela se aproximou de mim, me abraçou, me olhou nos olhos e me disse numa voz que eu já quase não lembrava o tom:

Filha/Compradora: *Eu preciso aprender a morrer.* Ela disse isso.

Aquela que não é a Rita: Virou as costas e saiu correndo. Ela correu muito rápido,

descalça. Correu na direção contrária a nossa casa.

Vendedor/Menino: Eu corri atrás dela por um tempo, mas meus passos eram três vezes menores do que os da minha mãe, menores de idade, menores de tempo de corrida, menores de vontade.

Filha/Compradora: Havia algo no meu coração que impedia os meus pés de alcançarem os dela, meus pés sabiam e meu coração concordava que minha mãe ia se perder no horizonte, ia esfaquear todas as esquinas em direção da sua ultramaratona livre de obstáculos.

Aquela que não é a Rita: “Eu preciso aprender a morrer”, eu nunca alcancei esta frase, nunca mais a alcancei, nunca alcancei os silêncios da minha mãe. Eu não a vi nunca mais. Mesmo ela me deixando isso aqui, sob meus pés.

Filha/Compradora: Imagino minha mãe correndo até hoje, depois daquela esquina descalça, escuto minha mãe vivendo o seu silêncio de corredora, toda dentro dela mesma, cantando suas músicas, me ensinando a viver sem ela e me dando, mesmo de longe, os melhores silêncios. Enquanto isso eu vou buscando algo que me caiba.

Aquela que não é a Rita: Imagino minha mãe correndo até hoje, me ensinando como se aprende a morrer.

(som de caminhão de lixo e ônibus. Vendedor escuta e sai correndo, Filha e Aquela que não é a Rita também)

CHÁSKIS

Allycia: Eu nunca tive um lugar. Eu sou de Aby Ayala, raça de bronze. Eu corri muito até aqui, mas é como se eu não tivesse chegado no meu lugar.

A minha memória é muito antiga. Quando eu era criança eu fui criada por uma mulher que eu chamava de tia, que era dona de uma livraria onde eu trabalhava. A melhor hora do dia era quando ela dormia, depois do almoço, por uma hora. Era o momento em que eu fazia tudo o que ela não me deixava: brincar, conversar com as pessoas, dançar e, principalmente, ler os livros da livraria.

Num desses dias da minha infância, eu peguei um livro didático e conheci os chaskis. Os chaskis eram mensageiros do império Inca, eram jovens fortes treinados para conseguir chegar em todos os lugares, levando notícias e bens valiosos por toda Aby Ayala, ou América Latina, como se fala hoje. Eles percorriam todo o nosso continente. Na minha fantasia eles iam até os rarámuris, no México. Além de correr, e correr rápido, eles tinham que falar vários idiomas para poderem se comunicar. Também carregavam os Quipos, que era um calendário feito de corda e nós, pra saberem por quanto tempo tinham se deslocado. E, claro, eles tinham que conhecer os caminhos.

O segredo dos corredores mensageiros ancestrais era correr fazendo o seu próprio caminho.

A livraria da minha infância ficava em Caranavi, de um povoado de língua quechua, aimara e outras também. Caranavi significa caminho da morte. Porque às vezes sair do lugar significava morrer.

Os cháskis inventaram esses caminhos, para poder conseguir conversar com todo o nosso continente.

Minha infância foi rodeada de histórias como essa dos chaskis, todas em segredo, todas nessa uma hora. Enquanto essa mulher que me proibia de ser criança dormia no seu velho mundo, eu sonhava. Ela era dona dos livros, hoje eu sou dona das histórias.

ALFINETE

Alfinete:

Oi, eu sou o alfinete.

Mas pode me chamar pelo meu apelido: PIN.

Eu tenho preferido que me chamem assim, de PIN .. prefiro assim porque acho mais carinhoso... PIN ... mais democrático... parece que cabe mais na boca. PIN.

Me senti no direito de vir aqui falar com vocês neste quase final porque eu fui citado lá no começo de tudo e, sim, eu realmente estive aqui, desde sempre, desde o momento em que alguém chega. Enquanto tudo corre eu fico. Eu fico, eu fico olhando, eu sou aquele fica. Por um lado é ruim porque o que me resta são só os pensamentos mesmo.

Vocês não, vocês têm os pensamentos e os gestos! Me dá inveja às vezes. Mas não precisam sentir pena de mim não porque esta minha posição estratégica de quem está parado vendo tudo correr também me dá tempo para algumas coisas como... fazer perguntas, por exemplo! Essa minha cabeça não para de pensar coisas como: Vocês correm do que, ein? De quem? Com quem? Dá pra ver quem corre ao lado? O que que se faz com quem corre ao contrário? Quando é que a gente vai parar de correr do passado?

E, alguns de vocês devem estar pensando.... quanto tempo falta pra poder sair correndo?

Daqui até México, até às montanhas da Sierra Madre Ocidental onde vivem os rarámuris corredores e também onde está neste momento o meu chará PIN mexicano, a América Latina é um chão comum de pés que, desde o início da colonização - e eu já estava aqui neste época, ein - , não deixaram de buscar solos possíveis, lugares de parada e passagem, renegando a estiagem. Até hoje os latinos-americanos são obrigados a correr conforme o ataque, corações calejados de tanta sabotagem. Vocês estão acompanhando por aí a sacanagem?

Os passos desses nossos personagens são contados por necessidade, sobrevivência física e simbólica, pois daqui - da brasilidade - impossível saber-se continente inteiro. É preciso correr para poder desfilar outro samba enredo.

Quem fica parado é PIN, você quer ser PIN?

Bom, pra um alfinete acho que falei demais. Alfinete não, PIN.

(sai)

PASSISTAS 4

(Os passistas sem sapatos chegam ao México mas não chegam na avenida e desfilam suas fantasias por lá. Aparece a placa “Você chegou ao México”, ao som de um samba-enredo)

Pés-Coração

Pesquisa e Idealização

Coletivo Labirinto

Criadores

Abel Xavier, Carol Vidotti,
Emilene Gutierrez, Wallyson Mota
e Luiz Fernando Marques Lubi

Direção

Luiz Fernando Marques Lubi

Dramaturgia

Abel Xavier

Atuação

Carol Vidotti, Emilene Gutierrez
e Wallyson Mota

Artista convidada

Allycia Machaca

Direção Musical e Trilha Original

Caetano Ribeiro

Músicos em cena

Caetano Ribeiro
(guitarra, violão e voz)
e Leandro Vieira
(percussão e eletrônicos)

Canto

Allycia Machaca

Concepção audiovisual

Luiz Fernando Marques Lubi
e Sol Faganello

Mapping, operação de vídeo e câmera

Sol Faganello

Edição vídeo Retiro

Tomás Franco

Atuantes

Alexandra Tavares, Camila Cohen,
Daniela Alves, João Pedro Ribeiro,
Lucas Bernardo, LuzMa Moreira,
Paula Petreca, Renan Coelho,
Sebastian Santamaria

Coreografia

Paula Petreca

Preparação de atores (Cena Passistas)

Rhena de Faria

Cenário

Luiz Fernando Marques Lubi

Cenotécnico

Zé Valdir

Figurino

Emilene Gutierrez
e Allycia Machaca

Visagismo

Fábia Mirassos

Adereços

Allycia Machaca

Fantasia Carnaval

Sérgio Cardoso Lopes

Desenho e operação de luz

Matheus Brant

Técnico e Operador de som

Tomé de Souza

Coordenação de Ensaio

Madu Arakaki

Fisioterapia

Leandro Faria

Pesquisa e Condução Retiro

Artístico Elias Cohen

Apoio Teórico

Gina Monge Aguilar

Mesas de Reflexão

Gina Monge Aguilar , Salloma
Salomão, Monica Rodriguez Ulo,
Paula Petreca, Paula Narvaez, Elias
Cohen, Antonia Moreira, Andrezza
Rodrigues e OWERÁ

Fotos

Tomás Franco

Assessoria de Imprensa

Pombo Correio

Redes Sociais

Jorge Ferreira
Hayla Cavalcanti

Estagiários Produção

Bento Carolina e Mariana Ruiz

Produção

Corpo Rastreado - Leo Devitto